

Representações sociais de lazer e de tempo livre: vivências e sociabilidades de jovens universitárias

Social representations of leisure and free time: experiences and sociability of university young girls

Elisa Fabris de Oliveira¹

Edinete Maria Rosa²

RESUMO: A pesquisa teve como objetivo conhecer as Representações Sociais (RS) de lazer e de tempo livre compartilhadas por jovens do sexo feminino, estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo, com idades entre 17 e 26 anos. A investigação foi realizada a partir de duas questões de livre associação de palavras, respondidas por 111 alunas, e dois grupos focais, realizados com outras sete participantes. As análises dos dados tiveram como embasamento a Teoria das Representações Sociais, conforme proposta por Serge Moscovici, e a Teoria do Núcleo Central, descrita por Jean-Claude Abric. Como resultados, constatou-se que as RS de lazer para as jovens investigadas estão principalmente associadas às sensações resultantes de sua prática e que o tempo livre é essencialmente compreendido como um momento de descanso compensatório. Observou-se também que as representações referentes aos dois fenômenos encontram-se igualmente embasadas nos valores da sociedade ocidental contemporânea, os quais reconhecem a valorização do trabalho e do estudo em detrimento das vivências de lazer no tempo livre.

Palavras-chave: lazer; tempo livre; representações sociais; jovens; juventude.

ABSTRACT: The research's objective was understand the social representations of leisure and free time shared by young females students of Universidade Federal do Espírito Santo with varying age from 17 to 26. The investigation was conducted based on two free association questions, answered by 111 students, and two focus group, with other seven participants. The data analysis was based on the Theory of Social Representations, proposed by Serge Moscovici, and the Central Core Theory, described by Jean-Claude Abric. As a result we concluded that the leisure social representations is mainly associated to feelings resulting by its practice and that free time is essentially comprehended as compensatory relaxation moment. It was also observed that representations referent to the two phenomenon are equally based on the western contemporary occidental values, which tends to valorize work and study more than leisure on free time.

Keywords: leisure; free time; social representations; youth; youngs.

O lazer e o tempo livre no contexto atual

As vivências juvenis perpassam por diversas esferas. No âmbito social, as relações escolares, familiares e de trabalho costumam ser as mais mencionadas e estudadas; mas, aos poucos, tem se reconhecido a importância da convivência entre pares e dos momentos individuais e de liberdade, seja para o desenvolvimento de autonomias ou para a formação de identidades e de práticas sociais. Nesse sentido, os estudos do lazer e do tempo livre, que

¹ Graduada em Comunicação Social; Mestra em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo; Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) entre 2014 e 2015; Professora Adjunta da Faculdade de Ensino Superior de Linhares – Vitória, ES, Brasil. E-mail: elisa.fbrs@gmail.com.

² Doutora em Psicologia; Bolsista Pesquisadora Capixaba (FAPES) entre 2013 e 2016; Professora Associada do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento da Universidade Federal do Espírito Santo; Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo - Vitória, ES, Brasil.

inicialmente se fizeram presente no meio acadêmico de forma tímida durante o século XIX (Dumazedier, 1979), intensificaram-se significativamente nos últimos anos e conquistaram maior relevância teórica e social.

A necessidade de aprofundar o conhecimento sobre o lazer e o tempo livre, e de verificar suas relações com o desenvolvimento humano e o meio social, tem uma ligação direta com o modo como a sociedade foi evoluindo, as relações de trabalho foram se estabelecendo e o modo de vida e os padrões sociais se consolidando (Oliveira, 2015). Hoje, diferentemente de outros tempos, reconhece-se a fundamental importância do lazer e do tempo livre para o desenvolvimento humano e para o melhor conhecimento das pessoas e do contexto em que elas estão inseridas. Quando se trata de jovens, entende-se que essa relação é estabelecida de forma ainda mais estreita, uma vez que é principalmente nos tempo livres e nos momentos de lazer que os jovens constroem suas normas e expressões culturais, seus ritos, suas simbologias e seus modos de ser (Brenner, Dayrrel & Carrano, 2008).

Assim, as pesquisas recentes sobre temática do lazer e do tempo livre juvenil têm como foco a verificação dos significados, das funções e das influências exercidas por essas duas atividades que permeiam fortemente a vida social dos jovens. Entre os principais interesses científicos atuais estão identificar, entender, mensurar e correlacionar o lazer e o tempo livre com a formação de identidades; o bem-estar; as práticas sociais; o desenvolvimento de autonomies e habilidades sociais; e a saúde física e psíquica dos indivíduos (Coastworth *et al.*, 2005; Sarriera, Paradiso, Marques, Hermel & Coelho, 2007; Brenner *et al.*, 2008; Martins, 2013; Sarriera *et al.*, 2013). Seguindo algumas dessas diretrizes, nesta pesquisa teve-se como objetivo conhecer como são representados o lazer e o tempo livre por jovens universitárias, buscando compreender de forma contextualizada de que modo elas significam e vivenciam esses dois fenômenos.

Reflexões teóricas sobre o lazer e o tempo livre

O lazer e o tempo livre, apesar de difícil definição, principalmente por se tratarem de fenômenos diretamente ligados aos contextos e a variáveis sociais, algumas vezes foram conceituados e teoricamente delimitados. Para os sociólogos Nobert Elias e Eric Duning (1992), o lazer pode ser compreendido como atividades praticadas em um tempo específico – o tempo livre –, que necessariamente propiciam emoções do tipo agradável e que permitem uma liberação emocional, acumulada devido à vida sistematizada e aos exigentes padrões sociais de autocontrole estabelecidos pela civilização.

Pesquisadores como Munné e Codina (2002) também fizeram contribuições nesse campo. Para eles, em concordância com Elias e Dunning, o tempo livre deve ser entendido como um momento, um tempo disponível, que pode ou não ser utilizado para o exercício do lazer, mas que necessariamente precisa estar agregado à percepção de liberdade do indivíduo que o usufrui. Assim, para os autores, tempo livre seria o momento sem compromissos, que permite que a pessoa faça escolhas sobre como irá aproveitá-lo, mesmo que alguns determinismos exerçam influência sobre ele.

Referindo-se a esses determinismos - sociais, culturais, políticos e econômicos-, Pestana, Codina e Gil-Giménez (2010) reforçam a necessidade de se ter clareza sobre o nível de hetercondicionamento - influência externa – que atua na escolha das atividades

praticadas nesse tempo. Segundo eles, quando o comportamento não é autocondicionado, ou seja, realizado principalmente a partir das vontades e das necessidades do próprio indivíduo, as atividades de lazer e a percepção do tempo livre sofrem significativas mudanças, e podem deixar de serem percebidas como tais. Seguindo essa ideia, para a literatura específica, as atividades realizadas que combinam lazer e trabalho, e obrigação e liberdade assumem o conceito de semilazer (Bonato, Sarriera & Wagner, 2012b).

Ainda sobre os modos de uso do tempo livre, Elias e Dunning (1992) propõem uma classificação que organiza as atividades em cinco categorias distintas: Trabalho Privado e Administração Familiar; Repouso; Provimento das Necessidades Biológicas; Sociabilidade; e Atividades Miméticas. Essas categorias foram ordenadas de acordo com o nível de excitação que as atividades englobadas por elas costumam proporcionar. Assim, a primeira categoria – Trabalho Privado e Administração Familiar – caracteriza-se por ser aquela formada por atividades que não proporcionam excitações, e que, por isso, não poderiam ser entendidas como lazer. A segunda, terceira e quarta categorias – Repouso, Necessidades Biológicas e Sociabilidade –, dependendo do modo como as atividades acontecem e do contexto em que se apresentam, podem proporcionar maior ou menor excitação, mas costumam ficar em um nível mediano. Essas atividades poderiam ser entendidas, portanto, como aquelas que se aproximam da classificação de semilazer. Por último, a categoria das atividades miméticas, também chamada de Jogo, é composta pelas atividades que proporcionam o maior nível de excitação, promovendo o rompimento das rotinas e caracterizando-se por agrupar as atividades essencialmente reconhecidas como lazer.

Representações sociais e sua organização interna

O estudo do lazer e do tempo livre transita por diversas áreas do conhecimento científico. Atualmente, além dos estudos tradicionais sobre a temática no campo da Educação Física e da Sociologia, é possível verificar diversas contribuições promovidas nos campos da Psicologia (Bonato, Sarriera & Wagner, 2012b; Martins, 2013; Sarriera *et al.*, 2013), da Antropologia (Borelli, 2000; Franch, 2002), da Educação (Marcassa, 2002; Rosa, 2006) e da Saúde (Brenner *et al.*, 2008). Nesta investigação, na qual se tem como objetivo identificar, estruturar e entender Representações Sociais (RS) dos dois fenômenos, a pesquisa foi conduzida a partir de uma perspectiva da Psicologia Social.

As RS, de acordo com as ideias de Moscovici (2003), devem ser entendidas como um tipo de conhecimento próprio da sociedade moderna, que possibilita a compreensão de objetos e fenômenos por um determinado grupo, a partir da construção de uma realidade simbólica. Ou seja, as representações permitem a interpretação do estranho e do novo, a partir de outros conhecimentos já dominados, e de outras representações facilmente assimiláveis, transformando o diferente em algo familiar.

Assim, as RS, bem como as manifestações do lazer e o uso do tempo livre, estão estreitamente ligadas ao contexto social, à época e aos sujeitos que as compartilham. Por outro lado, elas atuam ativamente na formação desses sujeitos, na orientação de suas práticas e na interpretação que eles fazem do mundo (Jodelet, 2001). Portanto, RS devem ser entendidas como um conhecimento do senso comum, que ao mesmo tempo em que é dinâmico e está suscetível a mudanças, é também construído no decurso do tempo e se reflete como o resultado de sucessivas gerações, construindo a sociedade e se construindo a partir dela (Moscovici, 2003). Dessa forma, estudar as RS significa buscar identificar a

realidade simbólica, aquela que é responsável por orientar os indivíduos em meio a uma diversidade de informações e que possibilita interpretar a realidade objetiva que se encontra a sua volta (Abric, 2001).

De acordo com Moscovici (2003), as RS se formam a partir de dois processos fundamentais: a ancoragem e a objetivação. Almeida (2005) explica que a ancoragem caracteriza-se por dar sentido a um objeto estranho e não familiar, através de outros conhecimentos já existentes, organizados e categorizados de acordo com os padrões vigentes e os valores sociais seguidos pelos indivíduos. A objetivação, por sua vez, refere-se à face figurativa da interpretação. Ela tem a função de dar materialidade a uma ideia abstrata, tornando-a mais compreensível e concreta.

Um aporte teórico importante para a compreensão das RS, para a análise dos dados coletados nesta investigação, e que no Brasil se tornou uma das principais escolas dentro da grande teoria de Moscovici (Jodelet, 2011), é a Teoria do Núcleo Central. Proposta por Abric (1998), em conformidade com as ideias de Moscovici, ela propõe que as representações de um determinado objeto se organizam em torno de dois sistemas: o central e o periférico. O primeiro caracteriza-se por ser constituído historicamente, por ser rígido e pouco acessível às mudanças contextuais, e por unir as principais representações - aquelas que, predominantemente, guiam os indivíduos. O sistema periférico, por outro lado, é formado por representações circunstanciais e maleáveis. Elas se formam a partir do contexto e das experiências dos indivíduos, garantindo dinamicidade às RS e protegendo as informações do núcleo central (Abric, 1998).

Neste estudo, através das questões de livre associação de palavras, buscou-se identificar as RS de lazer e de tempo livre das jovens participantes e o modo como essas representações se organizam internamente. No entanto, com o objetivo de contextualizar as informações quantitativamente coletadas, utilizaram-se também discussões realizadas em dois grupos focais.

Método

Participantes

A pesquisa foi realizada com dois grupos de estudo diferentes, compostos por jovens do sexo feminino de mesmo perfil. As amostras, definidas por conveniência, contemplaram apenas meninas, com o objetivo de possibilitar a observação de questões de gênero apontadas em estudos anteriores.

Um dos grupos de estudo foi formado por 111 jovens, com idades entre 17 e 26 anos ($M=19,5$; $DP=1,79$), estudantes da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), e matriculadas nos cursos de Administração (25); Ciências Sociais (1); Jornalismo (12); Publicidade e Propaganda (10); Enfermagem (16); Fonoaudiologia (8); Letras Inglês (13); Letras Português (11) e Serviço Social (15). Entre essas participantes, 90 se autodefiniram como pertencentes à classe média, 19 à classe baixa e duas à classe alta. O outro grupo de estudo foi composto por sete jovens, estudantes dos cursos de Jornalismo (4); Publicidade e Propaganda (2) e Ciências Sociais (1), com idades variando entre 19 e 22 ($M=19,71$; $DP=1,11$).

Essas sete participantes estiveram organizadas em dois grupos, os quais foram submetidos à técnica de grupo focal. Para análise do material gerado através das discussões, optou-se pela identificação das participantes de modo a manter seu anonimato. Assim, as sete jovens receberam um código diferente, formado através da identificação do seu grupo e de um número individual, apresentados na Figura 1.

Código	Grupo	Participante	Idade	Curso
G1P1	1	1	19	Jornalismo
G1P2	1	2	19	Jornalismo
G1P3	1	3	19	Jornalismo
G1P4	1	4	20	Ciências Sociais
G2P5	2	5	20	Jornalismo
G2P6	2	6	19	Publicidade e Propaganda
G2P7	2	7	22	Publicidade e Propaganda

Figura 1 - Caracterização dos participantes do grupo focal

Instrumentos

Dois instrumentos foram utilizados para as coletas de dados. Um deles, o aplicado ao grupo de estudo composto por 111 jovens, foi formado por algumas questões sociodemográficas - idade, informações do curso, classe social e bairro de moradia - e duas questões de associação livre, que solicitavam que as participantes escrevessem as cinco primeiras palavras que vinham a sua mente ao ler os termos indutores *lazer* e *tempo livre*, e que, posteriormente, as organizassem por ordem de importância, enumerando as evocações de um a cinco - sendo *um* conferido à evocação mais importante e *cinco* à de menor relevância.

O instrumento utilizado nos grupos focais foi um roteiro semiestruturado, elaborado com dezoito temas de discussão. Seu objetivo foi fomentar discussões sobre as rotinas das participantes; os conceitos de lazer e de tempo livre; a caracterização do lazer de acordo com o gênero; e as diferenças entre o lazer e o tempo livre dos jovens de hoje, e os de outras gerações. Os tópicos foram organizados de modo que os temas mais importantes e abrangentes fossem discutidos primeiramente, seguidos dos tópicos mais específicos e de menor relevância (Roso, 1997; Gondim, 2003).

Coleta e análise de dados

A coleta através da livre associação de palavras foi realizada de forma coletiva no horário normal de aula. A pesquisadora explicou os objetivos do estudo, descreveu o modo como a coleta seria executada, e entregou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido às alunas interessadas. Por fim, realizou um breve treinamento, simulando a técnica da livre associação de palavras com outros termos indutores - Vestibular e Mãe - e com a compreensão do procedimento por todas, deu início a coleta.

Para análise desses dados, utilizou-se o auxílio do *software* openEvoc, desenvolvido a partir das funcionalidades do *software* EVOc, porém, escrito em português. O openEvoc caracteriza-se por organizar as evocações coletadas em quatro quadrantes distintos, considerando a frequência com que elas aparecem no *corpus*, e a ordem de importância em que foram organizadas pelos participantes - sendo as evocações com menores ordens

consideradas mais relevantes. Sua sistematização possibilita a identificação da provável organização interna das representações sociais dos fenômenos investigados, e os elementos representacionais constituintes delas (Sant'Anna, 2012).

A interpretação dos dados organizados por ele deve considerar, conforme explicitam Wachelke e Wolter (2011), que as evocações localizadas no primeiro quadrante possivelmente referem-se aos elementos constituintes do núcleo central; que o segundo, geralmente reúne as evocações referentes à primeira periferia – ou seja, aquelas que apresentam alta frequência e alta ordem de importância -; o terceiro é formado pelos elementos de pouca frequência, mas baixa ordem de importância, revelando possíveis subgrupos dentro do grupo de estudo e, por isso, conhecido como zona de contraste; e, por fim, o quarto quadrante deve ser entendido como aquele que reúne as evocações que provavelmente são menos relevantes para a representação, por apresentarem pouca frequência e alta ordem de importância.

Sobre a coleta dos dois grupos focais, esta também aconteceu na Universidade Federal do Espírito Santo, com estudantes mulheres convidadas de duas formas: coletivamente pela pesquisadora durante horários de aula; ou via e-mails encaminhados por professores da instituição. Os objetivos da pesquisa foram explicitados nos convites e reforçados momentos antes do início da coleta de forma oral e escrita, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Para a análise dos dados coletados nos grupos focais, optou-se pelo uso da Análise de Conteúdo Temática, conforme orientada por Bardin (2007). Essa técnica, através do agrupamento e categorização de informações, permite o acesso a diversos conteúdos presentes em um texto, estando eles explícitos ou não.

Resultados e discussões

Dados referentes à livre associação de palavras

As evocações geradas a partir dos termos indutores lazer e tempo livre foram analisadas separadamente, após a homogeneização do *corpus* – unificação de evocações sinônimas ou com sentido similar – e a eliminação de elementos pouco representativos - evocações com frequência menor que seis. Assim, para lazer, das 555 evocações mencionadas, 92,8% compuseram os dados de análise, constituídos por 101 palavras com sentidos diferentes. Já o *corpus* referente ao termo indutor tempo livre foi formado por 90% das 555 evocações registradas, organizadas em 113 palavras com sentidos diferentes.

O critério de corte adotado para a ordem de evocação foi o da mediana – portanto, número 3 -; e para a frequência, o da observação da amostra, que possibilita a identificação do ponto em que há um salto perceptível na continuidade das proporções das evocações (Wachelke & Wolter, 2011). Assim, seguindo os padrões explicitados, com o auxílio do software openEvoc, obtiveram-se os resultados demonstrados nas Figuras 2 e 3.

OMI	< 3,0			≥ 3,0		
Freq. Obs.	Tema evocado	Frequência	OMI*	Tema evocado	Frequência	OMI*
≥ 20	Diversão	53	2,49	Cinema	28	3,89
	Amigos	43	2,44	Praia	23	4,0
	Família	29	1,72	Festa	20	3,6
	Alegria	24	2,58			
	Viajar	24	2,63			
<20	Filmes/ Séries	15	2,6	Passear	15	3,73
	Dormir	14	2,71	Descansar	12	3,17
	Livro	10	2,8	Comer	12	3,5
	Música	9	2,44	Prazer	10	3,0
	Namorar	9	2,44	Esporte	9	3,67
	Tempo livre	8	2	Ler	8	3,38
	Dançar	6	2,67	Conversar	8	3,38
				Ar livre	8	3,88
				Brincar	7	4,0
				Sair	7	4,29
				Comprar	6	3,83

Figura 2 - Dados referentes ao termo indutor Lazer. *OMI = Ordem média de importância

OMI	< 3,0			≥ 3,0		
Freq. Obs.	Tema evocado	Frequência	OMI*	Tema evocado	Frequência	OMI*
≥ 25	Dormir	59	2,59	Ler	31	3,13
	Descansar	31	2,0			
<25	Estudar	22	2,82	Filme	22	3,73
	Família	20	1,9	Conversar	17	3,29
	Namorar	19	2,16	Televisão	16	3,5
	Amigos	17	2,71	Comer	15	3,73
	Livro	10	2,9	Diversão	14	3,21
	Relaxar	8	2,25	Música	14	3,57
	Computador	7	2,43	Sair	13	3,23
				Viajar	11	3,27
				Lazer	11	3,55
				Seriados	10	3,1
				Internet	9	3,22
				Passear	9	4,11
				Praia	8	3,88
				Alegria	7	3,57
				Ficar à toa	6	3,5

Figura 3 - Dados referentes ao termo indutor Tempo Livre *OMI = Ordem média de importância

Os resultados revelaram que para o termo indutor lazer os possíveis elementos constituintes do núcleo central para as jovens participantes são: *Diversão*, *Amigos*, *Família*, *Alegria* e *Viajar*. O primeiro quadrante foi o único dos quatro no qual não predominaram palavras relativas a atividades. Excluindo a evocação *Viajar*, que entre elas obteve a menor frequência e maior ordem de evocação, todos os outros termos situados neste quadrante estão associadas a “o que o lazer proporciona” - *Diversão* e *Alegria* - e “com quem ele pode

ser realizado” - *Amigos e Família* -, revelando que a real função de sua vivência, possivelmente, transcenda a prática de atividades por si só.

Esses resultados vão ao encontro do que propõem Elias e Dunning (1992). Segundo os dois sociólogos, o lazer trata-se de uma necessidade humana de extravasar emoções, buscando a liberação do *stress* acumulado durante as rotinas, e promovendo bem-estar através do sentimento de sensações prazerosas, chamadas pelos autores de excitação. A excitação seria para eles o “condimento de todas as satisfações próprias dos divertimentos” (1992, p. 116), sendo assim a sensação provocada especificamente pela diversão.

Situando essa ideia nos resultados obtidos nesta pesquisa, entende-se que para as jovens, o termo que possivelmente melhor represente o lazer seja *Diversão*, isto é, aquilo que tem a capacidade de promover a excitação e a sensação de bem-estar. Nesse sentido, outra evocação também presente no núcleo central fortalece essa ideia; o termo *Alegria* - resultante das evocações alegria, felicidade, sorrir e sorriso - pode ser entendido como a representação da sensação e da satisfação proporcionada pelo lazer.

As evocações *Amigos e Família*, por sua vez, reforçam a importância da companhia de algumas pessoas para que se alcance a diversão, e se sinta alegre durante o lazer. Essas representações confirmam resultados anteriores, que demonstram que o socializar já é um fim em si mesmo, e que muitas vezes as atividades de lazer realizadas no momento de socialização adquirem apenas importância secundária (Sarriera *et al.*, 2007). Além disso, a evocação *Amigos* aparece reafirmando a relevância dos pares para as jovens. Esse fato demonstra que para além da importância de práticas sociais entre indivíduos semelhantes durante a juventude para a criação de confiança, aprendizagem social e construção da identidade (Brenner *et al.*, 2008; Bonato *et al.*, 2012a), as jovens desta pesquisa também reconhecem os benefícios dessas relações sociais, que, para elas, representam fortemente o lazer.

Sobre a evocação *Família*, também se faz necessário frisar que além do sentido de companhia, esse núcleo social costuma apresentar outra relação com o lazer juvenil, especialmente quando se trata de jovens do sexo feminino (Brenner *et al.*, 2008). A família, que nas representações aparece principalmente referindo-se aos pais, na prática exerce o poder de autorizar ou desautorizar determinadas atividades; incentivar ou desestimular outras; e exercer grande influência no lazer e no uso do tempo livre das jovens. Assim, é necessário que se analise a evocação em questão tanto sob o prisma da companhia, quanto da autoridade, ou seja, influência direta que ela exerce nas vivências de lazer juvenis.

A evocação *Viajar*, também componente do núcleo central, aparece materializando a noção de lazer, possivelmente através do processo de objetivação. Sendo ela uma atividade, ou melhor, um modo de uso do tempo livre, o *Viajar* exemplifica de forma concreta como e quando o lazer acontece. Assim, é importante ressaltar as diferenças existentes entre *Viajar* e as diversas outras atividades associadas ao lazer que foram organizadas nos demais quadrantes. As viagens, diferentemente das atividades corriqueiras de lazer, costumam acontecer em períodos de férias ou feriados, estabelecendo um verdadeiro rompimento com a rotina diária, através da mudança de ambiente e do contato com lugares, situações e pessoas diferentes. A dinamicidade e as novidades trazidas pelo ato de viajar promovem, de forma única, as sensações de bem-estar, de diversão e de excitação, tão características do lazer; e, por isso, a centralidade da evocação em comparação com os demais elementos referentes a atividades verificados nos resultados.

O segundo quadrante foi composto pelas evocações: *Cinema, Praia e Festa*. A partir da caracterização do sistema periférico por Abric (2001), entende-se que elas estão ali inseridas por se tratarem de elementos representacionais que apesar de serem lembrados por muitas participantes, não são prioritários na representação social de lazer. Considerando também a classificação das atividades descrita por Elias e Dunning (1992), observa-se que todas as três evocações do quadrante se inserem na categoria de atividades miméticas, aquelas que estão diretamente ligadas ao lazer, por apresentarem nível máximo de excitação.

Sobre o terceiro quadrante, ou zona de contraste (Wachelke & Wolter, 2011), é possível fazer algumas considerações que facilitam a interpretação dos dados. Nele foram verificadas as evocações *Filmes e Séries, Dormir, Livro, Música, Namorar, Tempo-livre e Dançar*; que por apresentarem pouca frequência e baixa ordem de evocação, revelaram ser bastante significativas para pequenos subgrupos dentro do grupo analisado. Dentre as sete evocações do quadrante, seis referem-se a atividades, e dessas, quatro inserem-se na classificação de repouso, proposta por Elias e Dunning (1992): assistir a filmes e séries, dormir, ler livro e ouvir música. Esses dados demonstram a relevância para algumas participantes, no que se refere ao lazer, da realização de atividades que possibilitam o descanso mental e corporal, mesmo que em detrimento de uma excitação mais intensa. Assim, para elas o lazer também se expressa na vivência de atividades que proporcionam sensações de relaxamento, descanso e desligamento da rotina, mesmo que geralmente estejam associadas a nível moderado de excitação, e que algumas vezes possam se distanciar do lazer e se aproximar do caráter obrigatório (Elias & Dunning, 1992).

O termo *Namorar*, formado pelas evocações *namorar, namorado(a) e namoro*, retoma as discussões realizadas sobre as evocações *Amigos e Família*; pois nesse caso, mais uma vez, a companhia e as vivências relacionadas a ela são os significados que o elemento representacional assume. Entende-se, porém, que este termo, diferentemente dos outros dois, foi especificamente inserido no terceiro quadrante, uma vez que a prática do namoro possivelmente não seja uma realidade que, no momento da pesquisa, fosse vivida por todas ou pela maior parte das estudantes investigadas. Ainda assim, a relevância assumida pela evocação no *corpus* revela uma percepção das jovens sobre o lazer, verificada inclusive em estudos anteriores (Franch, 2002; Brenner *et al.*, 2008).

Estendendo as análises para a interpretação de forma conjunta dos dados referentes ao segundo e ao terceiro quadrante, é possível verificar uma organização categórica entre as evocações. Enquanto no segundo quadrante aparecem como elementos da representação social de lazer atividades referentes à categoria mimética (Elias & Dunning, 1992) - *Cinema, Praia e Festa*, caracterizadas por proporcionarem a excitação máxima -, no terceiro, observam-se principalmente evocações representantes da categoria repouso (Elias & Dunning, 1992), que engloba atividades que proporcionam descanso, mas que não rompem com a rotina e nem têm a função de criar extravasamento emocional ou excitação. Essa divisão facilita entender o modo como os elementos das representações sociais de lazer estão organizados internamente, e revelam a importância desses dois tipos de atividades, porém, de formas distintas.

Por fim, os elementos representacionais que compõem possivelmente a segunda periferia são: *Passear, Descansar, Comer, Prazer, Esporte, Ler, Conversar, Ar-livre, Brincar, Sair e Comprar*. Neste quadrante, assim como no segundo e no terceiro, predominam evocações que remetem a prática de atividades. O que diferencia este dos outros dois

quadrantes, é a variedade das atividades e o aparecimento de um termo relacionado à categoria de necessidades biológicas (Elias & Dunning, 1992), a evocação *Comer*.

No entanto, nessa periferia, o que chama especial atenção é a evocação *Comprar*, que vem representar a associação entre o lazer e o consumo, e que se refere a uma prática típica da sociedade ocidental contemporânea (Featherstone, 1995). O fato de *Comprar* estar inserida na segunda periferia – aquela que reúne ideias contextuais próprias da realidade vivenciada pelos sujeitos (Abric, 2001) – reforça ainda mais essa última ideia, demonstrando que de fato o elemento representacional refere-se a algo circunstancial, específico deste momento e muito próximo às vivências juvenis. Esse resultado também vai ao encontro dos dados observados por Martins, Trindade, Menandro e Nascimento (2014) em investigação com jovens do ensino médio. As autoras verificaram como o consumo entrelaça-se às práticas de lazer dos participantes, constituindo-se como um importante elemento de representação social e promovendo fortes consequências na vivência desse fenômeno.

Por fim, foi possível observar também que as atividades que apareceram no *corpus* – nos quatro quadrantes – como elementos da representação social de lazer para as jovens não se restringem a práticas intelectuais e ou predominantemente passivas, e que frequentemente são realizadas em espaços públicos. Esse resultado afasta-se de alguns dados obtidos em estudos anteriores (Franch, 2002; Brenner *et al.*, 2008; Oliveira, 2015) e da noção de que, por questões históricas de gênero, o lazer feminino está atrelado ao ambiente doméstico ou a espaços preferencialmente reservados. As evocações *Viajar*, *Sair*, *Praia* e *Festa* ilustram bem a oposição entre os dados desta pesquisa e o de outras investigações.

Seguindo para as análises dos dados referentes ao termo indutor tempo livre, destacam-se as duas evocações inseridas no primeiro quadrante: *Dormir* e *Descansar*. Considerando-as provavelmente como os elementos representacionais constituintes do núcleo central, é possível afirmar que, para as participantes, a noção de tempo livre está primordialmente embasada em ideias associadas ao repouso. Nesse sentido, é preciso voltar-se aos fatos históricos e ao contexto de nossa sociedade contemporânea para entender em quais fatos e fenômenos tais representações ancoram-se. Como lembra Dumazedier (1979), a noção de tempo livre surgiu com a necessidade de os trabalhadores do período Industrial se recompor das longas jornadas de trabalho, possibilitando que o ritmo da produtividade pudesse ser sempre mantido. Assim, o tempo livre referia-se então a um descanso compensatório, que teria como finalidade manter na prática os princípios da sociedade capitalista. Essa percepção do fenômeno não parece, contudo, ter sido superada. O fato de *Dormir* e *Descansar* constituírem o núcleo central da representação para as jovens demonstra que o repouso compensatório permanece significando o tempo livre juvenil.

A interpretação dos dados trazidos pela localização dessas duas representações também possibilita retomar as contribuições realizadas neste campo por Munné e Codina (2002) e por Elias e Dunning (1992). Conforme explicitam os autores, apesar de o tempo livre estar ligado ao lazer, ele primeiramente deve ser entendido como um momento que pode ou não ser aproveitado para a vivência desse fenômeno. Assim, considerando as evocações identificadas no núcleo central, observa-se que os principais elementos representacionais de tempo livre para as estudantes não se aproxima da noção de lazer; pelo contrário, reforça a potencialidade dele ser utilizado de diferentes formas, mais precisamente como repouso, ou como momento compensatório das obrigações cotidianas.

Em sequência, o segundo quadrante contemplou apenas uma evocação – *Ler*-, sendo ela mencionada diversas vezes, porém com alta ordem de evocação. A força da leitura na significação do tempo livre e do lazer de jovens verificada neste estudo difere-se dos resultados obtidos por Bonato, Sarriera e Wagner (2012a), em investigação com jovens estudantes do ensino médio de escolas públicas e particulares de Porto Alegre; assim como também verificaram Martins, Trindade, Menandro e Nascimento (2014), no estudo realizado com jovens, predominantemente do sexo masculino, estudantes do ensino médio de um instituto federal da cidade de Vitória. Essa discrepância possivelmente confirma a proposição de Brenner *et al.* (2008), que observa a influência do gênero, do nível de escolaridade e da renda na prática habitual ou não da leitura de livros.

O terceiro quadrante, representando a zona de contraste, foi formado pelas evocações *Estudar, Família, Namorar, Amigos, Livro, Relaxar e Computador*. As evocações *Família, Namorar* e *Amigos* aparecem aqui cumprindo as mesmas funções das identificadas nas análises acerca do lazer. Já o elemento representacional simbolizado pela evocação *Estudar* retoma as discussões acerca da visão das participantes em tornar o tempo livre produtivo, seguindo os padrões do contexto em que elas se inserem; ou seja, de valorização ao trabalho e ao estudo – atividades reconhecidas como produtivas - em detrimento do ócio (Martins *et al.*, 2012). O termo *Relaxar*, por sua vez, apesar de *a priori* parecer contraditório ao *Estudar*, deve ser entendido como uma prática consequente dele. Isso quer dizer que para um subgrupo das participantes o tempo livre está associado a noção de desvinculação com a rotina e com as atividades obrigatórias, de modo a possibilitar o relaxamento e o alívio das pressões acarretadas por elas no dia a dia. Essa duplicidade – com contraste e ao mesmo tempo complementariedade – assemelha-se ao que identificaram Ferevre *et al.* (2012), no estudo sobre a qualidade do tempo livre, realizado com alunos de graduação e de mestrado e com professores do ensino superior.

A evocação *Computador*, por outro lado, associa-se ao contexto contemporâneo. Inseridas em uma era tecnológica, que cada vez mais se apoia no uso de equipamentos eletrônicos, que alia o entretenimento à informação e ao estudo, as jovens se apropriam desse elemento de representação como mais uma forma de significar e compreender o tempo livre. Esses dados reforçam os resultados obtidos por Martins *et al.* (2014), que verificaram que para sua amostra a prática de atividades relacionadas ao uso de eletrônicos aparece como a terceira atividade mais realizadas por eles durante o tempo livre e como vivência de lazer; mas contraria as observações de Sarriera *et al.* (2007b), que constaram que para jovens de classe popular, há uma baixa frequência na prática de atividades relacionadas ao uso do computador.

Por último, o quarto quadrante reúne o maior número de evocações, ao todo quinze, sendo elas: *Filme, Conversar, Televisão, Comer, Diversão, Música, Sair, Viajar, Lazer, Seriados, Internet, Passear, Praia, Alegria e Ficar à toa*. Observa-se assim que, como nos resultados obtidos com o termo indutor lazer, o quarto quadrante reuniu atividades referente às mesmas quatro categorias de classificação propostas por Elias e Dunning (1992): Repouso, Sociabilidade, Necessidades Biológicas e Atividades Miméticas. Além disso, aqui é possível encontrar a evocação *Lazer*, confirmando a sua associação com o tempo livre, mas demonstrando o seu caráter secundário na representação desse fenômeno.

Para finalizar, com o objetivo de se ter uma compreensão geral dos dados, e de verificar possíveis relações entre o lazer e o tempo livre, realizou-se uma análise que contemplou os elementos representacionais que os dois termos indutores fizeram emergir.

Dessa forma, foi possível observar que todas as evocações formadoras do núcleo central das representações de lazer estiveram presentes no *corpus* analisado sobre tempo livre; e que o contrário também foi verificado - ou seja, elementos de representações sociais de tempo livre organizados no núcleo central, também estiveram presentes no *corpus* das representações sociais de lazer. Confirmando ainda a consistência dos dados, verificou-se que não só as evocações se repetiam como também suas localizações eram correspondentes. Assim, os elementos representacionais de um dos dois termos indutores que se encontravam no núcleo central, necessariamente estavam organizados entre o terceiro e o quarto quadrante nos resultados para o outro termo.

Dados referentes às discussões dos grupos focais

Sobre os dados coletados nos dois grupos focais, a Análise de Conteúdo revelou três eixos temáticos associados ao lazer, e outros três associados ao tempo livre. Faz-se necessário ressaltar que, partindo das conceituações teóricas assumidas nesta pesquisa, considerou-se o lazer e o tempo livre como fenômenos distintos, sendo eles, portanto, desde a coleta de dados, estipulados como objetos de investigação diferentes. Dessa forma, os dados relacionados ao lazer foram organizados nas categorias: Lazer x Lazer Incompleto; Influências externas; e Questões de gênero, enquanto os dados do tempo livre fizeram emergir as categorias: Liberdade de escolha; Diversidade de uso; e Tempo livre como tédio.

Lazer x Lazer incompleto

Para as jovens, foi possível verificar que o lazer é sinônimo de atividades que, independentemente do seu tipo, proporcionam diversão e prazer. Essa representação de lazer reforça os resultados obtidos na etapa anterior da pesquisa, e se aproxima das conceituações propostas por Elias e Dunning (1992). Assim, em diversos momentos foram verificadas frases que descrevem o lazer como um sinônimo da sensação de diversão:

Pra mim lazer é sair, fotografar, fazer ângulos diferentes, eu acho bem divertido (G2P3).

(Qualquer tipo de lazer é válido) que seja caminhar na praia ou qualquer tipo de rock³. Contando que você esteja se divertindo... (G2P5).

(...) Então, a diversão dele, o lazer dele é passar a tarde inteira jogando ou vídeo game ou jogo no computador (G1P2).

Além disso, as universitárias indiretamente estabeleceram duas subclassificações para o lazer: uma que abarca as atividades que trazem maior excitação e que são praticadas em finais de semana, feriados e férias; e outra formada por atividades prazerosas, no entanto, rotineiras e, de certa forma, regulamentadas. Essa divisão aproxima-se da classificação que diferencia o lazer do semilazer (Bonato *et al.*; 2012b), denominado pelas universitárias de lazer incompleto, como ilustram as frases das participante G1P2 e G1P4:

Eu acho que, quem gosta do que faz, ainda tem um lazer incompleto, porque por mais que você goste daquilo, aquilo é uma rotina, as vezes, quando acontece algo inusitado, você se empolga com aquilo, porque você gosta de fazer aquilo, mas mesmo assim, acho que não torna um lazer ou deixa de ser lazer porque você tem que fazer isso, todo dia... (G1P2).

³ “Rock” ou “rocks” é um gíria capixaba que se refere a festas. É o equivalente à “balada”, termo usado principalmente por paulistas.

Então, é um tipo de lazer, mas não é um lazer completo, né?! (G1P4).

Seguindo essa ideia, sobre as atividades miméticas, de maior excitação, foram muito citadas práticas como: viajar, sair com amigos, ir a festas e a barzinhos, promover churrasco com a turma e assistir a filmes.

O meu momento de lazer é quando chega a sexta a noite e eu saio com meus amigos e tal. Para ir para aos rocks, dançar... (G2P6).

A menção a esse tipo de lazer também apareceu de forma explícita quando foi solicitado que cada participante descrevesse um dia de lazer que realizou. Neste caso, todas as alunas narraram momentos que se referiam aos finais de semana, feriados ou férias. As atividades mencionadas foram principalmente aquelas agrupadas na primeira categoria, sendo descritas viagens realizadas com familiares, amigos, namorado ou sozinha; e atividades como dança, churrasco, festa, praia e piscina. Dentre as sete narrações, uma de cada participante, cinco fizeram referência a alguma viagem que realizaram (G1P1; G1P2; G1P4; G2P6; e G2P7); uma contou um dia em que participou de várias festas na companhia do namorado (G1P3); e uma narrou um dia em que ficou em casa sozinha assistindo a filmes em sequência (G2P5). Esses dados reforçam os resultados obtidos através das questões de livre associação, que revelam as viagens como um provável elemento do núcleo central, e assistir a filmes, namorar e dançar, como atividades inseridas na zona de contraste; ou seja, muito importante para um subgrupo do grupo de estudo.

Observou-se também que apesar da relevância conferida pela participante G2P5 a atividade de assistir a filmes; segunda ela mesma – em concordância com as outras jovens – a prática não se iguala ou supera a excitação máxima que atividades miméticas são capazes de proporcionar:

Eu gosto muito, assim, de coisa que eu posso fazer sozinha. Ver filme, ler... Eu gosto muito. Também me proporciona um prazer muito grande! Tanto quanto sair com os amigos. Só que quando você sai com os amigos, geralmente é mais animado, você se diverte mais (G2P5).

Sobre o lazer incompleto foram citadas atividades como a leitura, a audição de músicas, o estudo, o trabalho agradável, o convívio familiar, o esporte e o descanso. Essas atividades apareceram no *corpus* à medida que as discussões foram se aprofundando, revelando aspectos menos óbvios, ou que não seriam prontamente associados ao lazer. Além disso, as atividades foram mencionadas como práticas da vida corriqueira, que aconteciam, portanto, de forma inserida na rotina, entre o vácuo de uma obrigação e outra, diferenciando-as, assim, das atividades descritas anteriormente, que aconteciam nos finais de semana, feriados e férias.

Dentre essas atividades citadas chama a atenção o esporte; pois, se todas as outras fogem da categoria de atividades miméticas, o esporte caracteriza-se por ser o seu principal representante e, portanto, uma das principais manifestações do lazer (Elias & Dunning, 1992). Por isso, para a interpretação desses dados é preciso considerar duas questões, uma relativa ao macrocontexto, e outra referente ao microcontexto. Sobre o primeiro, ressaltam-se questões de gênero, que salientam o esporte como uma prática fortemente associada ao sexo masculino (Franch, 2002; Sarriera *et al.*, 2007b; Brenner *et al.*, 2008). Sobre o microcontexto, provavelmente como consequência do primeiro, a prática do esporte entre as jovens está relacionada principalmente a atividades extracurriculares, praticadas em formato de aula, com horário e hierarquia definidos, e não como uma atividade que acontece de forma espontânea e autônoma. Nesse sentido, e ainda considerando a relação

inversamente proporcional observada entre a prática do esporte e a percepção de bem-estar proporcionada por ela e a idade dos jovens (Sarriera *et al.*, 2007b; Sarriera *et al.*, 2013), é compreensível que ele não seja identificado pelas participantes como uma atividade que expresse o lazer na sua completude, proporcionando, como habitualmente faz, grande excitação. Assim, como verificado anteriormente, identifica-se que para as jovens o esporte é um elemento da representação social de lazer que se encontra no sistema periférico.

Indo ao encontro dessa ideia, os dados das discussões também revelaram que uma atividade pode receber diferentes significados e sentidos, conferidos pelo mesmo indivíduo. Assim, uma atividade realizada durante a semana, no intervalo das obrigações, com uma determinada companhia, pode ser percebida de outra forma ao ser realizada durante o final de semana, em outro contexto e com diferentes pessoas. Essa ideia confirma a organização dos elementos que compõem o núcleo central, conforme análise anterior, revelando que a essência do lazer não está primordialmente ligada à atividade em si, mas à diversão e ao bem-estar que elas proporcionam. Além disso, as falas das participantes possibilitaram verificar que a rotina, a obrigatoriedade e a pressão, ou seja, os heterocondicionamentos (Pestana *et al.*, 2010), parecem ser os grandes responsáveis por transformar uma atividade prazerosa, em um lazer incompleto ou não-lazer.

É aquele negócio, né?! Quando vira rotina, acaba ficando chato. É igual o negócio assim... A gente que faz jornalismo. Jornalismo de viajar, conhecer lugares, essas coisas, a partir do momento que isso começa a virar rotina... “Ah... vou ter que de novo, não sei o que...” Isso acaba ficando chato! Então, eu acho que o lazer é o que a gente tem paz ou tem... quando a gente pode, a gente quer, a hora que a gente quer... (G1P3).

Em conformidade com os resultados quantitativos, nas discussões também foi possível perceber a importância das companhias na realização e, conseqüentemente, na definição do lazer. Na maioria das vezes em que mencionavam uma ação ou um momento de diversão, as participantes sentiam necessidade de dizer quem as acompanhava ou não. Assim, com frequência apareceram termos como “amigos”, “namorado”, “família” e “sozinha”. Podemos interpretar, portanto, que as pessoas, ou a ausência delas, são fundamentais para conferir àquelas atividades a classificação de lazer.

Influências externas

Dentre as questões discutidas a respeito do lazer, emergiu uma categoria referente aos diversos fatores que o influenciam direta ou indiretamente. Sobre esse aspecto, ao longo das discussões, as participantes ressaltaram a influência dos pais, da situação financeira e da segurança na definição dos modos como vivenciam o lazer. Todos os três fatores foram considerados por elas como influências negativas, por tirarem o seu poder de escolha e por tornarem o lazer menos espontâneo.

Sobre a intervenção dos pais, as jovens relataram que eles atuam autorizando ou autorizando determinadas práticas, e que essa relação se associa a independência delas.

Até hoje, eles decidem o meu lazer (...) Eu acho que eles definem até certo ponto. Quando ainda dá para controlar, de dizer se vai ou não a tal lugar, se deixa ou não, mas às vezes quanto mais proíbe, mais a pessoa tem vontade de fazer aquilo! Eu falo isso por experiência própria. Nossa, quando minha mãe fala que não, “Agora eu vou! Agora eu quero ir muito mais do que antes”. Mas eu acho que chega uma hora que a gente acaba decidindo muito mais por si mesmo (G2P7).

(...) Quando a gente tem de treze a quinze, dezesseis anos, você tem uma dependência dos pais. Você quer sair, “Pai, fulano me chamou para isso e para isso, tal dia, eu preciso de dinheiro...”

Hoje em dia, não! Se eu quero fazer, sei lá “Ah... vamos sair para comer, depois da aula?”, “Vamos!”. Não preciso ligar: “Mãe, olha, vou precisar gastar tanto”. Não! Eu tenho o meu dinheiro e eu sei quando dá para eu ir, e quando não dá. Então, eu acho que muda, porque você vai criando uma independência. (...) Então eu acho que o lazer varia muito de acordo com o nível de independência. (G1P2)

Através das falas é possível perceber que os pais de fato exercem influências, mas há uma tendência para que essa situação mude com o passar do tempo, assim como verificaram Sarriera *et al.* (2007a). No entanto, a evolução da conquista da independência na vida das jovens parece ter dois pontos fundamentais, um relacionado à idade e outro associado a questões financeiras, que também aparecem como outra interferência externa sinalizada por elas. Nas discussões, o dinheiro intermediou diversas falas das participantes. Nesse ponto, elas ressaltaram além do fato dele possibilitar a independência dos pais, a necessidade de tê-lo para alcançar o acesso a bens culturais e a produtos de entretenimento.

Eu poderia estar passeando no iate, mas eu não estou! (G2P6).

Eu não tenho uma condição financeira boa, comparada a do meu namorado. E eu comecei a conhecer vários lugares diferentes quando eu comecei a namorar com ele. Uns lugares que eu nem imaginava, nem sabia que existiam (...) (G2P7).

Infelizmente a questão financeira influencia muito, porque se a pessoa trabalha a semana inteira, o dia inteiro, chega o fim de semana, quer sair... Mas se não tem dinheiro, como é que sai?(...) (G1P2)

Assim, as falas das jovens demonstraram que, para elas, existe uma relação direta entre o lazer e o dinheiro, sendo este um critério fundamental para a definição das atividades proporcionadores de diversão, realizada por cada indivíduo. Segundo as jovens, o dinheiro tem a importância de possibilitar às pessoas realizarem o que desejam, o que lhes dão satisfação e serem mais independentes, confirmando os valores pregados pela sociedade ocidental capitalista. Essa constatação reforça o resultado da etapa quantitativa, no qual a evocação *Comprar* também se faz presente no *corpus*, e os dados de pesquisas anteriores, que confirmam o poder do consumo na definição do lazer vivenciado atualmente (Martins *et al.*, 2014)

Por último, verificou-se também, que diferentemente do que costuma aparecer nos estudos de lazer e de tempo livre com jovens, em nenhum momento as participantes associaram a esses a percepção de fator de risco, tal como observaram Franch (2002) e Sarriera *et al.* (2007). No entanto, ancoradas nas ideias que compartilham acerca da sociedade em que vivem, as estudantes afirmaram que a insegurança, a violência e o medo, algumas vezes interferem no seu lazer:

Eu gosto de fotografar. Mas eu não fotografo muito, por medo mesmo de sair com o equipamento na rua e tal, porque é um pouco perigoso. Mas para mim é lazer, sair, fotografar, fazer ângulos diferentes, eu acho bem divertido (G2P5).

(...) Esse medo que a gente tem hoje de pegar um táxi de madrugada ou, sei lá, de ir de ônibus de madrugada de um lugar para o outro, porque você pode ser assaltada (G1P2).

Questões de gênero

De modo geral, confirmando o resultado de outras pesquisas (Franch, 2002; Pinto, 2004; Brenner *et al.*, 2008; Bonato *et al.*, 2012), as participantes identificaram algumas diferenças no lazer de meninos e de meninas. Porém, o que parece, é que essas diferenças

estejam menos associadas às preferências de cada gênero, do que a questões culturais. As jovens apontam que, por conta principalmente das condutas dos pais e do modo como os jovens são educados, existem diferenças na prática do lazer feminino e do masculino.

(...) Em relação aos pais e ao lazer eu acho que tem muita diferença, porque eles fazem uma distinção. Eu acho que eles olham para a menina e veem uma fragilidade que eles não conseguem enxergar, sei lá, no filho. (G1P2)

Hoje eu já conquistei uma certa autonomia... Brigando um pouco! Mas quando eu era mais jovem, sim, com certeza era diferente (o meu lazer para o do meu irmão). Ele é três anos mais velho que eu, só. Mas não era a idade que mudava, era o gênero! Era ele ser homem e o fato de eu ser mulher (...) Ele tinha mais liberdade para fazer o que ele gostava e o que queria. E eu não. Se eu ousei gostar de uma coisa que não é o normal para uma mulher... Porque hoje eu posso jogar hóquei, mas se há três anos atrás se eu quisesse jogar, minha mãe não ia deixar! Enquanto ele podia fazer o que quisesse, escalar montanha, sei lá... e eu não poderia. (G1P4)

Dessa forma, como observado nas falas, verifica-se que para as jovens existem sim questões de gênero relacionadas às vivências do lazer; mas elas reconhecem também que essas diferenças estão em um processo de mudança, e que é provável que no futuro, nas próximas gerações, a tendência para a diferenciação entre o lazer feminino e o masculino diminua:

A nossa geração é que vai mudar isso. Já está mudando! (G1P4)

Eu acho que os nossos filhos vão ser tratados com muito mais igualdade (G1P1).

Essa percepção pode esclarecer o fato de os resultados quantitativos não terem demonstrado limitações nas vivências de lazer feminino como observado em outras pesquisas (Franch, 2002; Brenner *et al.*, 2008).

Liberdade de escolha

De acordo com as participantes dos grupos focais, o tempo livre caracteriza-se por ser um tempo ausente de obrigações, que possibilita a liberdade de escolhas e a prática de atividades prazerosas e divertidas. Essa ideia é ilustrada pelas frases destacadas:

É o tempo para não ter obrigação nenhuma (G1P3).

É o tempo em que você pode realmente escolher o que você quer fazer (G1P4).

Ah... eu quero ver um filme, ou eu quero viajar ou eu quero, sei lá... (G1P2).

Na tentativa de deixar as ideias descritas pelo grupo ainda mais claras, uma das participantes (G1P3) consegue resumir a definição de tempo livre referindo-se às férias; ou seja, ao momento em que as rotinas são deixadas de lado e o tempo de trabalho/ estudo, que costuma ocupar a maior parte de seus dias, dá lugar ao tempo livre e de liberdade de escolha. Essa simplificação e materialização da ideia de tempo livre através da palavra “férias” retrata um claro processo de objetivação.

As discussões também possibilitaram verificar que apesar de as jovens compartilharem representações sociais e ideias estruturadas acerca desse objeto, alguns aspectos pessoais e contextuais também compõem essas representações, assim como foram verificadas nas discussões sobre o lazer. Dessa forma, se todas entendem o tempo livre como um momento de liberdade e de diversas possibilidades de apropriação, é possível verificar a falta de um consenso sobre o modo de uso desse tempo, que deve ser percebido e administrado por cada indivíduo.

Assim, as jovens entendem que as possibilidades de uso do tempo livre não devem seguir um padrão, de modo que, dependendo do contexto, das vivências e das necessidades pessoais, cada um pode conferir a ele um tipo de uso específico. No entanto, sobre esse aspecto é importante retomar as ideias de Pestana *et al.* (2010). Segundo esses autores, é inevitável que sempre haja interferências externas, sejam elas políticas, culturais, sociais ou econômicas, exercendo pressões e influenciando as escolhas de como os indivíduos irão se apropriar de seu tempo livre. Ainda assim, os pesquisadores também reconhecem que é possível se alcançar um nível de autocondicionamento satisfatório, aproximando-se das ideias das participantes:

Eu acho que (o tempo livre) é um tempo... é um vácuo, aí você pode decidir, se você vai preencher com obrigações, não necessariamente em lugares específicos, ou se vai descansar (G1P1).

Além da noção de liberdade, a fala explicitada se aproxima de outras duas definições propostas por Elias e Dunning (1992) sobre o tempo livre: a primeira se refere ao seu caráter temporal; e a segunda, reconhece a possibilidade dele ser utilizado com a prática do lazer, ou de atividades voltadas para a obrigação.

Diversidade de uso

As divergências encontradas sobre ao modo de uso do tempo livre também devem ser entendidas como o reflexo das influências sofridas por ele. Assim, observou-se que enquanto algumas participantes reconhecem a possibilidade de uso desse tempo por atividades de caráter obrigatório, outras se posicionaram enfaticamente contra:

Eu acho que o tempo livre seria você não ter que escolher, tipo assim, entre 'vou descansar ou vou ter que fazer obrigação'... O tempo não está livre! Se você tem alguma coisa pendente, o seu tempo não está livre. Eu acho que o tempo livre seria: 'poxa, eu não tenho nada para entregar, eu não tenho que ler nada...' (G1P2).

Dessa forma, considerando as falas em seu contexto, o que foi possível perceber é que as alunas que se veem como pessoas constantemente ocupadas, e que possuem uma rotina cheia de atividades e obrigações, apresentam uma visão acerca do uso do tempo livre diferente daquelas que sentem que possuem tempo ocioso e que dedicam menos horas do seu dia a atividades rotineiras. Para estas alunas, existe uma necessidade de aproveitar o tempo, de modo que atividades, sejam elas obrigatórias ou não, tornem-se opções satisfatórias para ocupar o tempo livre. Por outro lado, há estudantes que precisam encontrar um tempo para descansar, relaxar e se distrair e, por isso, para elas, não há nenhuma possibilidade de ocupar esse tempo com mais obrigações. Esses dados também estão expressos na zona de contraste identificada através das questões de associação livre. Conforme verificado aqui, as evocações localizadas no terceiro quadrante retratam a importância das atividades de repouso para algumas jovens, e a relevância do estudo, atividade obrigatória, para outro subgrupo delas.

Os dados coletados também provocaram outra constatação que se refere à importância de se aprender a usar o tempo livre. Vivendo em uma sociedade altamente regulamentada, controlada e disciplinada, as participantes parecem não ter a habilidade de realizarem uma organização pessoal do seu tempo, de aproveitarem seus talentos, necessidades e interesses pessoais de forma criativa, para usarem o vácuo que encontram em suas rotinas, de maneira proveitosa e livre, sem seguir padrões e regras.

(...) Eu acho que talvez, se eu conseguisse administrar o meu tempo melhor, nossa, eu conseguiria deixar tudo em dia e ter muito tempo para poder me divertir (G1P1).

(...) Tipo, eu gosto muito de ler. Eu poderia abrir um pedaço de livro e ler todo dia. Eu não faço isso porque tenho preguiça e Facebook (...), Eu tenho a impressão... Acho que quando você tem tempo livre, que é o meu caso, você fica mais cansada, você não fica mais disposta (G2P6).

Tempo livre como tédio

A falta de aproveitamento do tempo livre observada parece provocar insatisfação nas participantes. Quando não usam o tempo disponível com atividades ou ações que lhes tragam desenvolvimento pessoal, novos conhecimentos e experiências ou bem-estar, elas reconhecem que esse tempo é preenchido com ociosidades, tédio e vícios – neste caso relacionado à rede social Facebook.

Se eu pensar na minha vida, no meu momento de lazer... apesar de eu não fazer nada o dia inteiro, eu fico no tédio! (G2P6).

Eu cheguei a ficar, eu não sei se foram vinte dias ou um mês, sem o Facebook. Porque eu percebi... Porque eu fazia isso, eu chegava em casa eu ficava, ficava, ficava... e eu vi que estava atrapalhando a minha vida e não me levava a lugar nenhum! Então eu fiquei literalmente sem entrar no Facebook durante um bom tempo! (G2P5).

Como se não bastassem a preguiça e o tédio que as tomam conta, parece recair sobre elas também um sentimento de culpa. Vivendo em um contexto em que o trabalho e a produtividade são altamente valorizados, assim como a competitividade, a rotina acelerada e a ocupação total do tempo, é compreensível que a ociosidade e a rotina preenchida com algumas horas de tempo sem atividades sistematizadas lhes causem frustração e até vergonha, especialmente quando sentem que esse tempo não está sendo usado sequer para descanso ou bem-estar. Assim, é possível verificar que tais elementos representacionais estão significativamente ancorados nos valores sociais vigentes, e no modo de vida aceito nesse contexto.

Conclusão

Através da pesquisa foi possível perceber a multiplicidade que envolve o universo do tempo livre e do lazer de jovens universitárias. Confirmando resultados de estudos anteriores, observou-se a grande influência exercida pelos contextos sociais e culturais e pelas experiências pessoais. No entanto, apesar do caráter individual presente nas noções de lazer e de tempo livre, foi possível identificar principalmente ideias compartilhadas, mais precisamente representações sociais, que indicam o modo como as jovens participantes significam o lazer e o tempo livre, e em quais valores e familiaridades elas se ancoram.

Os resultados revelaram que para as jovens o lazer e o tempo livre, apesar de estabelecerem uma ligação mútua entre si, são entendidos como dois fenômenos distintos. Nesse sentido, para lazer, foi possível constatar que as principais representações sociais referem-se às sensações agradáveis proporcionadas pelas atividades de lazer; à importância dos amigos e da família para a promoção desses sentimentos; e à forte associação entre o lazer, o rompimento das rotinas e o bem-estar, materializado na noção de viajar.

Portanto, constatou-se que o lazer é representado pelas jovens através de ideias e valores que reforçam a percepção de excitações e sensações agradáveis, conferindo

importância secundária ao repouso e às atividades realizadas por si mesmas. Também foi possível identificar os heterocondicionamentos que interferem na livre prática do lazer, sendo eles: a autoridade dos pais, a situação econômica e a segurança pública. Nesse sentido, verificaram-se também as influências exercidas pelas rotinas sistematizadas e pelas pressões do dia a dia, que transformam atividades prazerosas em semilazer, ou, como classificado pelas participantes, em lazer incompleto.

Sobre as questões financeiras emergentes no *corpus* é importante salientar que elas refletem as características e as ideologias da sociedade capitalista, que prega a conquista de desejos, de realizações e de satisfação, através do consumo de mercadorias e de bens culturais. Assim, entendendo que as expectativas da compra perpassam sentimentos, emoções, visões de mundo, e tornam-se, principalmente, meios para construção de identidades e satisfação de desejos, observa-se que o consumo hoje está associado a estilos de vida e vem cumprir, ou pelo menos assim promete fazer, necessidades subjetivas. Como consequência, o lazer corre o risco de se resumir a práticas de consumo e, dessa forma, limitar as vivências e sociabilidades juvenis, possivelmente acarretando em prejuízo ao desenvolvimento juvenil.

Sobre o tempo livre, verificaram-se representações sociais que o definem a partir da noção de repouso e de tempo compensatório. Entende-se que esses sentidos são reflexos da sociedade atual, que prima pela dedicação ao trabalho e aos estudos, promovendo um desgaste emocional e físico, que exige que o tempo sem compromisso seja usado para “recarregar as energias” e possibilitar que o ciclo da produtividade se mantenha.

Ainda sobre esse tempo, observaram-se algumas contradições que sinalizam para o momento em que estamos vivendo. Ao mesmo tempo em que a pressão e a valorização do trabalho encontram-se bastante vivas, é preciso reconhecer que, na contemporaneidade, já é possível encontrar movimentos contrários a essa lógica que buscam propagar a valorização do ócio, do bem-estar, do momento de desenvolvimento pessoal e da desaceleração. Nesse sentido, verificaram-se representações que reforçam o uso do tempo livre por atividades de caráter obrigatório, mas que também o reconhecem como momento de lazer e de relaxamento.

No entanto, as discussões em grupos focais possibilitaram perceber que não só o contexto macro influencia nessas concepções, como também assim o faz o microcontexto. As participantes que veem o seu tempo como algo escasso e cheio de compromissos, entendem que o tempo livre não pode agregar mais obrigações; por outro lado, as participantes que percebem suas rotinas de forma ociosa e pouco proveitosa, veem nas obrigações uma forma de torná-lo mais produtivo e menos entediante. De qualquer forma, em ambos os casos, foi possível verificar que independente do modo de aproveitamento do tempo livre, as jovens precisam percebê-lo como um momento de liberdade de escolha e, portanto, autocondicionado.

Também se constatou que a ideia de risco, frequentemente associada ao tempo livre e ao lazer, tanto pelo senso comum como por pesquisadores, não esteve presente nas percepções e vivências reveladas pelas jovens. O que ficou evidente, porém, foi a dificuldade que elas apresentam de organizar o seu tempo, de serem autônomas para buscarem as atividades que lhes dão prazer, e de se desvencilharem da preguiça e do tédio.

Esses dados indicam que, ainda que não exista uma realidade tão próxima das participantes em se envolver com atividades conhecidas como de risco – álcool, drogas e

outras ilegalidades – e que comprometam diretamente o seu desenvolvimento, existe uma necessidade por elas latente de se trabalhar melhor o tempo livre, e de torná-lo mais produtivo, proveitoso e satisfatório. Considerando que as estudantes investigadas apresentam um perfil distinto dos jovens estudados em pesquisas anteriores, entende-se que essas constatações podem estar ligadas ao contexto da classe média, indicando diferentes desafios e novas preocupações.

Por fim, a partir dos resultados, acredita-se que o aproveitamento do lazer e do tempo livre deve se dar através da conscientização da importância do seu uso para o desenvolvimento pessoal e para o descanso, não no sentido compensatório, mas sim do ócio. Entende-se que a busca pelo rompimento com alguns valores capitalistas possibilitarão uma aprendizagem para o lazer, que o considere tão valioso quanto o estudo e o trabalho, e que possibilite o seu reconhecimento como um meio saudável de fortalecer relações entre amigos e familiares, de permitir o desenvolvimento do autoconhecimento e de autonomies, de estimular a criatividade e o lado lúdico e de facilitar a construção de identidades individuais e grupais.

Referências

- Abriç, J. C. (1998). A abordagem estrutural das representações sociais. In A. S. P. Moreira & D. C. Oliveira (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representação social* (pp. 27-38). Goiânia: Editora AB.
- Abriç, J. C. (2001). *Prácticas sociales y representaciones*. México: Ediciones Coyoacán.
- Aquino, C. A. B., & Martins, J. C. O. (2007). Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, Fortaleza, 7(2), 479-500.
- Almeida, A. M. O. (2005). A pesquisa em representações sociais: Proposições teórico-metodológicas. In M. F. Santos, & L. M. Almeida. *Diálogos com a teoria das representações sociais* (pp. 119-160). Alagoas: UFAL/UFPE.
- Bardin, L. (2007). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- Barros, R., Coscarelli, P., Coutinho, M. F. G., & Fonseca, A. F. (2002). O uso do tempo livre por adolescentes em uma comunidade metropolitana no Brasil. *Adolescência Latinoamericana*, Porto Alegre, 3(2). Recuperado de http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s1414-71302002000200008&lng=es&nrm=iso&tlng=pt
- Bonato, T. N., Sarriera, J. C., & Wagner, A. (2012a). Hábitos de lazer e autoconceito em adolescentes. In J. C. Sarriera & A. C. Paradiso (Orgs.). *Tempo livre e lazer na adolescência: Promoção da saúde, intervenção e pesquisa* (pp. 125-154). Porto Alegre: Sulina.
- Bonato, T. N., Sarriera, J. C., & Wagner, A. (2012b). O lazer na Adolescência. In J. C. Sarriera & A. C. Paradiso (Orgs.). *Tempo livre e lazer na adolescência: Promoção da saúde, intervenção e pesquisa* (pp. 97-123). Porto Alegre: Sulina.
- Borelli, S. H. S. (2000). Jovens em São Paulo: Lazer, consumo cultural e hábitos de ver TV. *Nômadias*, 13, 92-97.
- Brenner, A. K., Dayrrel, J., & Carrano, P. (2008). Juventude brasileira: culturas do lazer e do tempo livre. In N. Teles (Org.) *Um olhar sobre o jovem no Brasil / Ministério da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz* (pp. 29-44). Brasília: Editora do Ministério da Saúde.
- Castro, M., & Abramovay, M. (2002). Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. Casos em áreas urbanas, Brasil 2000. In M. Abramovay (Org). *Escola e Violência* (pp. 17-59). Brasília: UNESCO, UCB.

- Coatsworth, J. D., Sharp, E. H., Palen, L., Darling, N., Cumsille, P., & Marta, E. (2005). Exploring adolescent self-defining leisure activities and identify experiences across three countries. *International Journal of Behavioral Development*, 29(5), 361–370.
- De Maisi, D. (2000). *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante.
- Dumazedier, J. (1979). *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Elias, N., & Dunning, E. (1992). *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.
- Featherstone, M. (1995). *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel.
- Franch, M. (2002). Nada para fazer? Um estudo sobre atividades no tempo livre entre jovens de periferia no Recife. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 19(2), 117-132.
- Gondim, S. M. G. (2003). Grupos Focais como Técnica de Investigação Qualitativa: Desafios Metodológicos. *Paideia*, 12(24), 149-162.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: Um domínio em expansão. In D. Jodelet (Ed.). *As representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: UERJ.
- Jodelet, D. (2011). Ponto de vista: Sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica brasileira. *Temas em Psicologia*, 12(1), 19-26.
- Lafargue, P. (1999). *O Direito à Preguiça*. São Paulo: Hucitec/UNESP
- Marcassa, L. (2002). *A invenção do lazer – Educação, cultura e tempo livre na cidade de São Paulo (1888 – 1935)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Marcelinno, N. C. (1996). *Estudos do lazer: uma introdução*. Campinas: Autores Associados.
- Martins, J. C. O., Lefevre, F., Lefevre, A. M. C., Oliveira, G. R. T., & Pereira, M. G. (2012). O Tempo Livre com Qualidade a Partir de Discursos Coletivos. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 12(1-2), 41- 72.
- Martins, M. P. (2013). *Tempo livre da juventude de classe popular: desatando preconceitos e promovendo perspectivas positivas*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.
- Martins, M. P., Trindade, Z. A., Menandro, M. C. S., & Nascimento, C. R. R (2014). Representações sociais e vivências de lazer na juventude. *Psicologia e Saber Social*, 3(1), 41-54.
- Moscovici, S. (2003). *Representações Sociais: Investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Munné, F., & Codina, N. (2002). Ocio y tempo libre: Consideraciones desde uma perspectiva psicossocial. *Revista Licere*, 5(1), 59-72.
- Oliveira, E. F. (2015). *Vivências de lazer e de tempo livre: Estudos com jovens de classe média*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil.
- Pestana, J. V, Codina, N., & Gil-Giménez, A. (2010). El tiempo libre como heurístico del self: una metodología para el análisis de la complejidad del sujeto. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 10(3), 707-731.
- Pinto, L. M. S. M. (2004). *Sentidos e significados de tempo de lazer na atualidade: estudo com jovens belo-horizontinos*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG. Brasil.
- Pondé, M. P., & Caroso, C. (2003). Lazer como fator de proteção da saúde mental. *Revista de Ciências Médicas*, Campinas, 12(2), 163-172.
- Rosa, T. S. (2006). *Lazer: Concepções e vivências de uma juventude*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Roso, A. (1997). Grupos focais em psicologia social: Da teoria à prática. *Psico*, 28(2), 155-159.
- Sant’Anna, H. C. (2012). OpenEvoc: Um programa de apoio à pesquisa em representações sociais. In Associação Brasileira de Psicologia Social – Espírito Santo (Org.). *Anais, VII Encontro Regional ABRAPSO – ES* (pp. 94 - 103). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo. Recuperado de: http://abrapso-es.com.br/encontro/Anais_Abrapso_2012.pdf

- Sarriera, J. C., Paradiso, A. C., Abs, D., Soares, D. H. P., Silva, C. L., & Fiuza, P. J. (2013). O bem-estar pessoal dos adolescentes através do seu tempo livre. *Estudos de Psicologia*, 18(2), 285-295.
- Sarriera, J. C., Paradiso, A. C., Marques, L. F., Hermel, J. S., & Coelho, R. P. S. (2007). Significado do tempo livre para adolescentes de classe popular. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27(4), 718-729.
- Sarriera, J. C., Tatim, D. C., Coelho, R. P. S., & Bucker, J. (2007). Uso do tempo livre por adolescentes de classe popular. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 361-367.
- Sposito, M. P., & Carrano, P. C. R. (2003). Juventude e políticas públicas no Brasil. In O. D. León. *Políticas Públicas de Juventud em América Latina* (pp. 1-23). Vinã del Mar: CIDPA.
- Veiga, L., & Gondim, S. M. G. (2001). A Utilização de Métodos Qualitativos na Ciência Política e no Marketing Político. *Opinião Pública*, 2(1), 1-15.
- Wachelke, J., & Wolter, R. (2011). Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(4), 521-526.
- Wolter, R. P. (2008). Pensée sociale et situations de crise: le rôle des nexus dans l'implication personnelle et les modes de raisonnement. Tese de Doutorado, Université Paris Descartes, Paris.

Apresentação: 04/11/2015

Aprovação: 15/04/2016